

# Morte de Vladimir Herzog foi, há 40 anos, um divisor de águas da ditadura brasileira

40 anos da Morte do Jornalista 06 de Novembro de 2015 , 8:41

## Morte de Vladimir Herzog foi, há 40 anos, um divisor de águas da ditadura brasileira



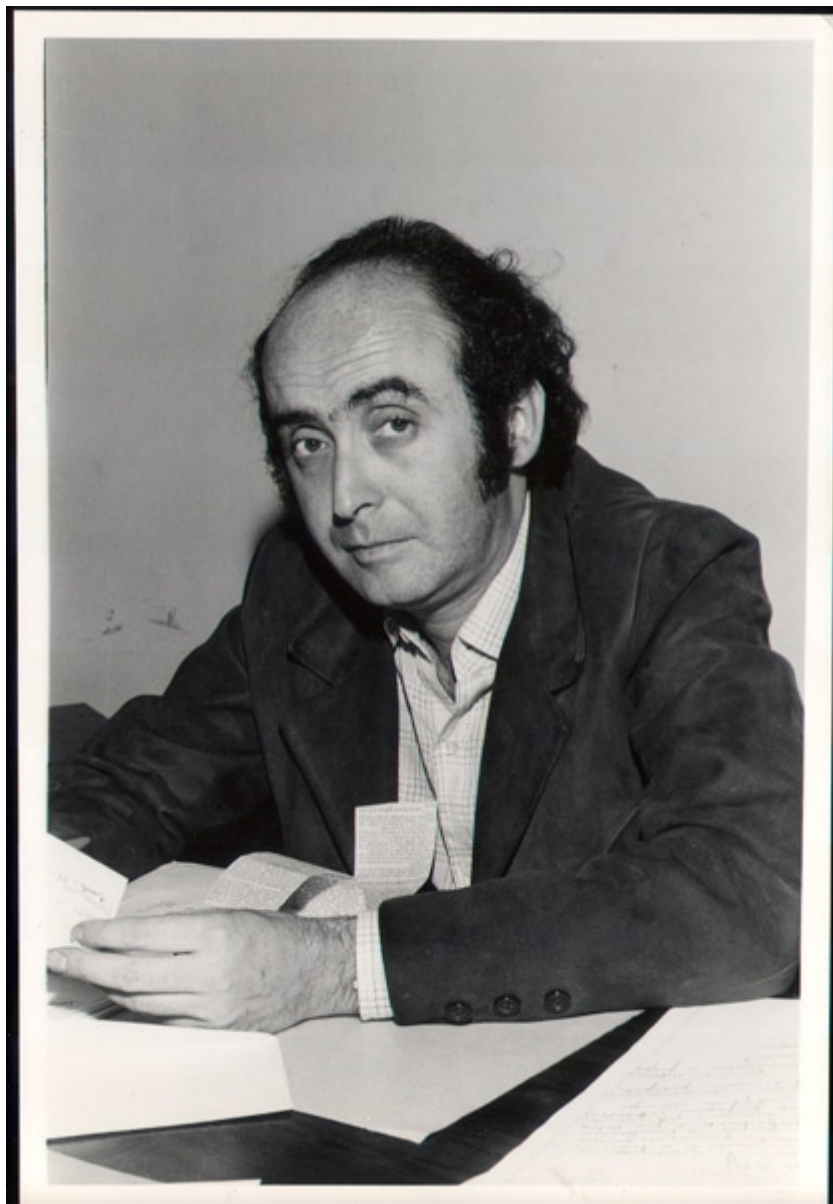
Apixonado pelo cinema e a dramaturgia, Vlado tinha uma visão clínica do país.

A morte de Vladimir Herzog, há 40 anos, é considerada um divisor de águas da ditadura brasileira. Os militares forjaram o suicídio do então diretor de jornalismo da TV Cultura, torturado nas dependências do Doi-Codi, em São Paulo, em 25 de outubro.

A sociedade conseguiria uma brecha para protestar contra as atrocidades do regime de exceção no país que tinha como presidente o general Ernesto Geisel. Com sonoplastia de Reginaldo Lopes, produção de Bruno Escudero, a reportagem é de Thiago Uberreich. Confira abaixo:

A viúva de Vladimir Herzog nunca tinha ouvido o áudio do discurso de José Maria Marin na sessão da Assembleia Legislativa de São Paulo, em 1975. Clarice Herzog tomou conhecimento da existência da gravação a partir da reportagem da Jovem Pan, 40 anos depois do assassinato do marido.

1975 - Assembleia Legislativa de São Paulo: as palavras do então deputado Wadi Elu ecoavam pelo plenário da Casa: um ataque direto à TV Cultura. "Com a sua presença comunizante no vídeo diariamente, por que na televisão Cultura, canal 2, nós só assistimos jornais mostrando a miséria, a pobreza e a desgraça".



Em um aparte a Wadi Elu, o deputado José Maria Marin cobrou uma atitude enérgica contra o comunismo na TV Cultura. "Eu quero neste ligeiro aparte, fazer um apelo ao senhor governador. O que não pode perdurar, nobre deputado, é esta omissão, tanto por parte do senhor secretário da Cultura do Estado, como também do governador", disse.

Os apelos de José Maria Marin seriam ouvidos pelos militares: um dos alvos era o diretor de jornalismo da TV Cultura, Vladimir Herzog. Nascido na Iugoslávia em 1937, a família dele, de origem judaica, veio ao Brasil em 1942, fuga do regime nazista de Adolf Hitler.

Apaixonado pelo cinema e a dramaturgia, Vlado tinha uma visão clínica do país: "pelas estatísticas, o Brasil tem, somando-se a população totalmente analfabeta com a população semi-analfabeta ou funcionalmente analfabeta, somamos mais de metade da população, Portanto, seria tornar o cinema estrangeiro mais acessível a um número maior de público e possibilitar a dublagem".

Em 1975, assumiu a TV Cultura, em um projeto do presidente da Fundação Padre Anchieta, Rui Nogueira Martins, e do secretário José Mindlin. A viúva Clarisse Herzog lembra que no dia 24 de outubro daquele ano, uma sexta-feira, os militares cumpriram à risca o apelo de José Maria Marin.

"Ele entrou no Partido Comunista um pouco antes da morte dele. Ele, quando me contou isso, eu levei um susto, porque ele sempre foi extremamente crítico em relação ao partido. O partido estava atrás disso e ele foi extremamente perseguido", disse Clarisse.

Vladimir Herzog fez um acordo com os militares para se apresentar espontaneamente na manhã do dia seguinte, 25 de outubro.

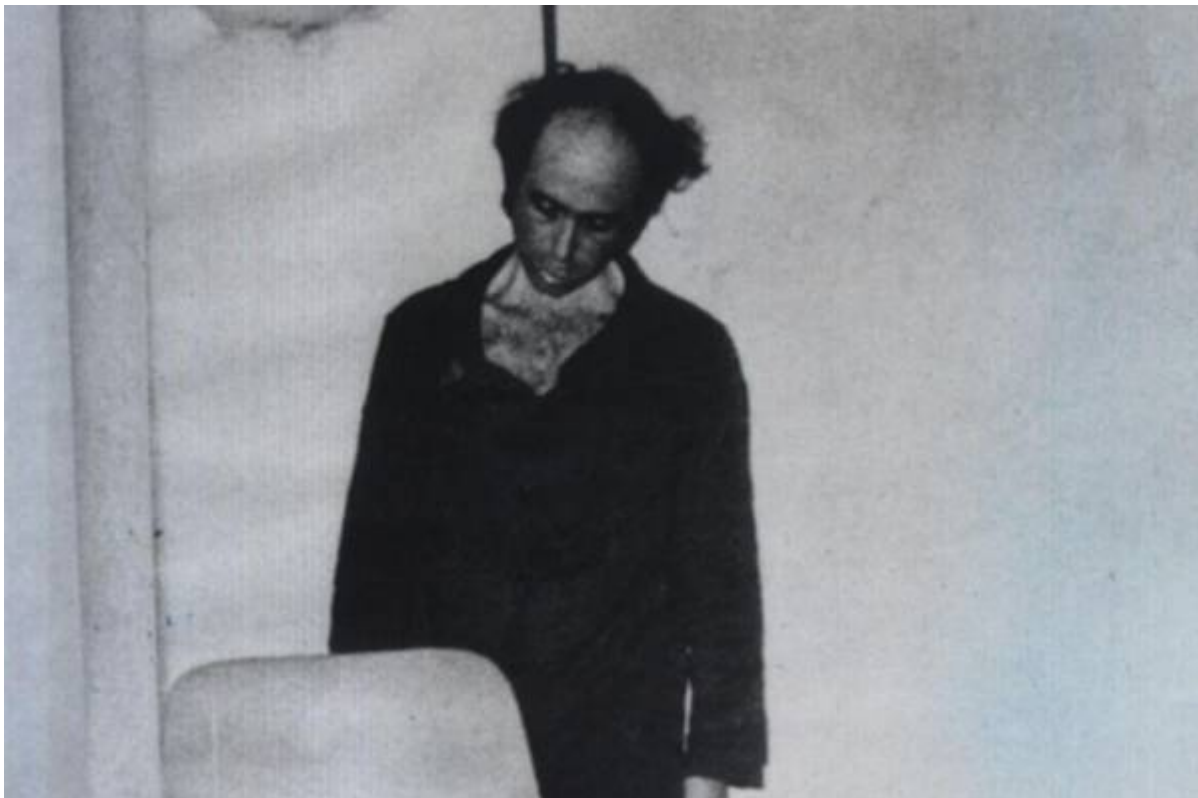
O amigo e jornalista Audálio Dantas, autor da biografia sobre Vlado, destaca que a ligação com o partido comunista foi o pretexto. "O Vlado efetivamente tinha optado pelo Partido Comunista do Brasil. Ele tinha se inscrito, não era ativista.

Se apresentou em um dia de manhã e às 16h, segundo consta, ele estava morto sob tortura".

Na sede do Doi Codi na Rua Tutóia, no bairro Paraíso, em São Paulo, Vladimir Herzog foi torturado e morto.

Levado para o mesmo local, o jornalista Sérgio Gomes, ouvia os gritos do colega e se estarrece com a versão de suicídio: "exatamente o contrário da foto farsante dizendo que o Vlado tinha se enforcado. Aquilo é uma foto fraudada. Aquilo teve um impacto positivo que ajudou na luta, mas aquela foto é uma fraude. Ele e a nossa geração ganhamos essa parada".

A foto que mostra Vladimir Herzog pendurado pelo pescoço a uma corda, dentro da cela, foi tirada por um estagiário da Polícia Civil, Silvaldo Vieira: "o que me chamou mais atenção foram os pés no chão. Depois surgiram comentários da violência praticada o local. Hoje é um fato consumado, assassinato".



O fotógrafo não se considera cúmplice da ditadura, mas uma vítima dos militares.

O Brasil estava aturdido com a morte de Vladimir Herzog e a missa de sétimo dia, na Catedral da Sé, reuniu milhares de pessoas. Militares foram espalhados ao redor do marco zero de São Paulo para espionar a missa de sétimo dia de Vlado em 31 de outubro de 1975.

O cardeal Dom Paulo Evaristo Arns estava preparado para o primeiro tiro: "se alguém gritar 'abaixo a ditadura', eles tinham o direito de atirar. Aí eu disse 'temos em cada janela, dois ou três fotógrafos, para fotografar de onde sai o tiro'".

A historiadora Eloisa Starling, da UFMG, considera a missa um marco na luta contra a ditadura. "A missa da morte de Herzog tem um valor extraordinário. A sociedade brasileira na rua. As pessoas se derramavam pela escadaria da Sé e a montagem desse arco enorme que reúne setores muito diferentes da sociedade fazendo uma opção pela democracia e não pela transição que os militares queriam".

A morte de Vlado irritou o presidente Ernesto Geisel. No entanto, o comandante do 2º exército, o general Ednardo Dávila, só foi afastado no começo de 1976, após o assassinato do operário Manoel Fiel Filho.

Nas palavras da viúva Clarisse Herzog, uma reflexão, décadas depois: "o Vlado faleceu, foi assassinado. A imprensa, a sociedade civil se manifestou. A minha sensação é que as pessoas tomaram contato neste momento do que acontecia

nos bastidores da ditadura".

*\*\*Imagens: Divulgação e Folhapress*

**Fonte:**

<http://jovempan.uol.com.br/noticias/brasil/morte-de-vladimir-herzog-foi-ha-40-anos-um-divisor-de-aguas-da-ditadura-brasileira.html>

Enviar para impressão